

Conferência de Marília Aisenstein¹

Setembro de 2019

É com imenso prazer que publicamos, neste número, a Conferência da Dra. Marília Aisenstein, apresentada por ela na Jornada da SBPdePA - Caminhos da Dor, em setembro de 2019, em Porto Alegre, por videoconferência, que gentilmente nos enviou.

Estou muito feliz e emocionada por poder presentear esta conferência aos meus amigos e colegas de Porto Alegre, que me apoiaram tão carinhosamente durante este período difícil em que tive de cancelar minha ida a Porto Alegre, um projeto que era para mim de muita alegria e prazer.

Resolvi falar aqui a partir de uma frase de Tertuliano, escrita no século II d. C., que diz: “Pensar é um ato carnal”. Esta frase é muito importante para mim porque, justamente, já na minha infância, eu me questionava sobre o pensamento. E estudei Filosofia pensando que esta seria a única que poderia me responder sobre como pensamos.

Assim, todo o percurso desse livro que está sendo publicado, graças a vocês, colegas porto-alegrenses, diz respeito ao desejo, à dor e ao pensamento. Vejo nele uma trajetória.

“Pensar é um ato carnal”, diz Tertuliano, porque, segundo ele, a alma não pode sofrer sozinha sem uma matéria estável, ou seja, a carne; e os homens sofrerão na ressurreição, diz ele, o que mereceram por ela, mas com a carne, mediante a qual tudo realizaram. Ele acrescenta: “O pensamento, então, é um ato carnal”.

¹ Esta conferência foi gravada especialmente para ser apresentada por vídeo na Jornada da SBPdePA - Caminhos da Dor, em setembro de 2019.

Essa visão de uma psique transformada pelo corpo me parece revolucionária no século II d.C., e está muito próxima de uma afirmação de Freud, no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, em que ele escreve²: “O pensamento, afinal, não passa do substituto de um desejo alucinatório”. Depois de uma vírgula, ele diz: “só o desejo pode colocar o aparelho psíquico em ação”. Essa frase me parece fundamental. De fato, o desejo vem da carne, da pulsão, e é o que vai pôr o pensamento em funcionamento através da carne, do corpo.

A psicanálise só poderia se inserir numa corrente monista. Aliás, as descrições que Freud deu da histeria são uma perfeita ilustração disso. Então, em Freud, o corpo está presente desde o início através da sexualidade, mas a sexualidade humana não é feita apenas de atos. Também é feita de pensamentos, palavras e linguagem. A linguagem implica a representação de palavra e a representação de coisa; a representação de coisa é a imagem, que só consegue atravessar a barreira da consciência se encontrar a representação de palavra que lhe dará sentido, podendo então se tornar afeto. É preciso pensar ainda que as palavras precisam de um investimento de qualidade sensorial. A voz e a entonação, que são corporais, podem acompanhar, às vezes até contradizer, o sentido das palavras. Tertuliano fala da carne, e devo dizer que também aprecio muito a palavra “carne”. O desejo é o ato carnal por excelência, mas o pensamento também é ato carnal.

Algumas palavras sobre o desejo.

Em Freud, um longo trecho do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* conta o nascimento do desejo no recém-nascido. Já no *Projeto*, em 1895, ele havia descrito uma teoria do desejo no despontar da vida. O bebê é totalmente dependente do amparo externo que lhe fornece calor, alimento, auxílio. Essas ações vão deixar traços mnésicos de satisfação – uma satisfação do estado de tensão interna que são, por exemplo, o frio e a fome.

Então, em 1900, no capítulo VII, Freud retoma essa descrição reforçando o fato de que o bebê encontra-se primeiramente em necessidade: a fome é uma necessidade, não um desejo. Ele explica que o traço mnésico vai ligar a satisfação à imagem da mãe, a representação. Freud diz que há uma passagem da necessidade de ajuda, de alimento, ao desejo da presença da mãe.

Como sabem, sou filósofa de formação e, quando algo me parece obscuro ou vago, quebro a cabeça para tentar compreender. Devo ter relido esse trecho umas cinquenta vezes, talvez mais, dizendo-me que faltava alguma coisa, faltava um elo. Como é que se passa da necessidade ao desejo? Nesse texto de 1900, Freud fala brevemente da passagem da necessidade ao desejo, mas esse trecho não me

² Freud (1900/1996a, pp. 595-596).

parecia claro. Então, imaginei que o que faltava era algo que Freud veio a escrever muito mais tarde, em 1924: a capacidade masoquista de esperar.

O que possibilita a espera? Há o masoquismo erógeno primário, pois, de fato, para ter uma representação da mãe que virá, o bebê precisa esperar. Foi então em 1924 que Freud descreveu o masoquismo erógeno primário, ao qual voltarei mais adiante.

É necessário poder esperar e aceitar certa dor da espera. O desejo requer a espera e também a antecipação, mas, para que a espera seja suportável para o psiquismo, ela precisa ser investida através do masoquismo erógeno primário. É exatamente isso que Freud descreve no texto de 1924, *O problema econômico do masoquismo*, quando ele explica que o masoquismo erógeno primário é o lugar onde se ligam as duas pulsões: a libido, que tenta ligar, e a pulsão de morte, que é uma instância de separação.

Assim, a alucinação do desejo – é fundamental entender isso – implica, *a priori*, a intervenção de um masoquismo erógeno primário. É este que possibilita esperar: aquilo que desejo será obtido, mas não de imediato, e sim daqui um mês, um ano, um dia. Ao mesmo tempo, outra coisa fundamental, ao meu ver, é que, nessa espera, a criança vai descobrir um prazer específico que está relacionado com o trabalho psíquico que essa espera implica. Dou um exemplo muito simples: qualquer pessoa apaixonada que tenha um encontro com seu objeto de amor tem um grande prazer em esperar enquanto imagina o encontro amoroso. Esse é o suplemento de prazer do trabalho psíquico, do trabalho de representação e de imaginação ligado a isso. Aliás, o amor humano parece inconcebível sem esse prazer de imaginar o futuro com o outro. O amor e o desejo são inconcebíveis sem a intervenção do masoquismo erógeno primário.

Benno Rosenberg, com quem trabalhei durante vinte anos e que admirei muito, escreveu muito sobre o masoquismo. Acho que sua monografia está traduzida em português e é muito importante. Benno Rosenberg falava de uma dimensão masoquista da existência: precisamos de uma dimensão masoquista, senão, no primeiro desapontamento, na primeira desilusão amorosa, por exemplo, poderíamos largar tudo, e nos suicidarmos. Suportamos porque existe o masoquismo como dimensão da existência. Eu acrescento outra formulação: o desejo tem uma essência masoquista.

Passemos agora ao pensamento. Minha pergunta inicial: o que é o pensamento e como fazemos para pensar? Volto à frase de Freud de 1900³: “O pensamento, afinal, não passa do substituto de um desejo alucinatório . . . só o desejo pode

³ Freud (1900/1996a, pp. 595-596).

colocar nosso aparelho psíquico em ação”. Sim, mas o que é o trabalho psíquico? São imagens, as representações de coisa, mas também as representações de palavra, a linguagem. E a linguagem tem suas próprias exigências; na verdade, o acesso a ela é relativamente tardio. O que é feito das vivências da criança antes da linguagem? Penso que estas permanecem como experiências dolorosas sem pensamento que serão revividas mais tarde e, provavelmente exprimidas no trabalho psicanalítico. É então nesse momento que adquirem sentido e podem se tornar pensamentos.

Como se constitui o eu da criança? Quero lembrar que o eu é parte do id e que só existe separadamente porque um segmento deste id é de repente investido pela libido. Graças a esse investimento, esse segmento vai se tornar um esboço do eu. É importante compreender que esse segmento foi separado pela pulsão de morte, cuja vocação é separar. Ele é investido pela libido, mas separado pela pulsão de morte. Uma vez isolado, investido pela libido no âmbito da intrincação pulsional, vai se opor à pulsão de morte, e é exatamente isso que Freud explica em 1924: existe um núcleo masoquista do eu que se torna garantidor da continuidade do eu e, portanto, da temporalidade. Então, para dar a Cesar o que é de Cesar, o núcleo masoquista do eu não é uma expressão de Freud, é de Benno Rosenberg. E para Benno, é assim que o masoquismo erógeno primário vai se tornar o núcleo do eu, pois, devido à sua própria existência, resume a constituição do eu. Esse núcleo é garantidor da continuidade e da resiliência. A resiliência não é um conceito psicanalítico; é um conceito empregado por um psiquiatra chamado Boris Cyrulnik, e eu considero um conceito importante, pois é graças a isso que resistimos às tempestades da vida. Resistimos às perdas, aos lutos, às dores de amor, às guerras, aos extermínios, aos genocídios. Perguntei-me muitas vezes de onde vem essa robustez do ser humano que faz com que, por exemplo, muitos consigam sobreviver nos campos de concentração, no Holocausto e em todos os genocídios da história. Isso é a resiliência e está ligado ao núcleo masoquista do eu.

Será que podemos assimilar o trabalho psíquico ao pensamento? Creio que sim. Assim como falamos de pensamento do sonho, todo trabalho psíquico é pensamento, mas pode ir do pensamento mais concreto aos pensamentos mais abstratos.

Para Hannah Arendt, viver e pensar são uma única e mesma coisa. Creio que não podemos confundir pensamento e nível de preocupação. Um pensamento pode ser muito concreto e simples ou muito abstrato e intelectual, mas, de qualquer maneira, a fonte sempre é pulsional. O pensamento está enraizado no corpo. Quando a criancinha ouve as palavras da sua mãe, ela sente prazer em ouvi-la. Numa primeira fase, o que é investido? É mais a qualidade sensorial

das palavras, o tom da mãe, do que os conteúdos e seus significados. A criança começa a desejar ouvir essa voz que lhe apraz. Para a criança, pensar é falar, pôr em linguagem, é se apropriar do mundo através das palavras.

Vejo aqui o efeito das duas pulsões. A libido engloba e une; a criança precisa compreender, por exemplo, que maçã, pêra, uva e banana são frutas. Mas graças à pulsão de morte que separa, ela compreenderá em seguida que uma maçã é diferente de uma banana e que uma banana é diferente de uma uva.

Uma teoria da representação – a representação é capital em Freud – liga a capacidade de utilizar palavras para nomear objetos presentes ou ausentes à capacidade de nomear e simbolizar. Essa é a teoria freudiana do pensamento; uma teoria simples que me parece convincente.

Quero terminar esta parte da minha apresentação com uma pergunta: de que maneira o masoquismo intervém? Na verdade, intervém, se concebido como Benno propôs, e eu concordo com ele, como um estágio muito precoce, a exemplo do narcisismo primário, em que se constrói na criança o núcleo masoquista do eu que se tornará o garantidor da sua sobrevivência. Mas esse núcleo, devido à intrincação das duas pulsões, tende a uma retenção. A retenção também me parece fundamental – foi Michel Fain que enfatizou muito a noção de retenção, dizendo que o pensamento é fundado na retenção. Então, são necessárias a espera e a retenção. É isso que constitui o pensamento humano.

Para concluir, quero trazer algumas noções gerais sobre a construção do masoquismo. O fenômeno clínico do masoquismo existia bem antes da psicanálise, mas, fora o masoquismo sexual do qual não vou falar aqui, as manifestações que conhecemos de modo geral são do masoquismo secundário, também conhecido como masoquismo moral. É a necessidade de punição, a busca do fracasso, a culpa excessiva... Isso foi descrito em toda a literatura, desde a Antiguidade. Os antigos psiquiatras chamavam essa busca da dor sofrida ou infligida de “algolagnia”. Contudo, Freud, já em 1905, diferencia três formas de masoquismo: erógeno, feminino e moral. O primeiro, que é o prazer da excitação, é base para os dois outros. O masoquismo moral se expressa por condutas ditadas por uma culpa inconsciente e marca o fracasso do masoquismo originário primário. Essas condutas ou sintomas são o epifenômeno de uma falência do masoquismo erógeno primário intrincador. Precisamos compreender bem que alguém que se apresente em busca de sofrimento sofre, na verdade, de uma falta de masoquismo erógeno primário. Tentará, então, por reLigações através do masoquismo moral, com a necessidade de punição por seus fracassos, resgatar algo desse masoquismo originário.

Temos pouco tempo, mas eu gostaria de dizer também algumas palavras sobre o masoquismo em psicossomática. No Instituto de Psicossomática, mantivemos um diálogo constante com Benno Rosenberg. Um de seus artigos para a nossa revista faz uma releitura de Marty à luz do masoquismo e se concentra no papel do masoquismo na depressão essencial. Para Benno, é quando o masoquismo fracassa que há doença psíquica ou somática; não é o masoquismo que causa a doença. Ao contrário, o masoquismo pode ajudar a desencadear o processo de cura. Quando alguém está gravemente doente, precisa investir no seu tratamento, investir em quimioterapias dolorosas e exaustivas, em cirurgias, investir no objeto doença, e este é um investimento masoquista. Alguém totalmente desprovido do masoquismo não vai se interessar por seu processo de cura.

Último ponto: masoquismo e princípio de prazer. O ponto de partida da minha reflexão reside na constatação da incompatibilidade do princípio de prazer com o fato clínico do masoquismo. Foi justamente o que Freud tentou evitar até 1924. E ele resolve a questão admitindo finalmente, vinte anos depois de seus primeiros escritos, que também há prazer na tensão de excitação. Esse ponto fundamental também não pode ser esquecido. Freud escreve então: “Temos de perceber que o princípio de Nirvana, que pertence à pulsão de morte sofreu, nos organismos vivos, uma modificação através da qual se tornou o princípio de prazer”⁴. Assim, é preciso redefinir, como fez Freud, o princípio de prazer em função do masoquismo. Essa nova definição em Freud, como sempre, inclui também o que ele havia dito antes. O prazer se torna um prazer-desprazer; o prazer masoquista vai se tornar, em 1924, o modelo do prazer.

A metapsicologia da intrincação, a oposição pulsional, cara a Freud, só pode ser pensada se as duas pulsões estiverem dentro de um mesmo enquadramento. É o masoquismo e somente ele que fornece esse enquadramento. É esta dupla participação pulsional que descreve metapsicologicamente a natureza do masoquismo. Se o masoquismo primário for deficiente, ele não cumprirá bem sua função enquadradora das pulsões, que vão tomar trajetórias diferentes. Cada uma das duas pulsões, desligadas, se tornam perigosas. Um excesso de libido é perigoso; um excesso de separação que rompe a ligação também é perigoso.

No que diz respeito à doença somática, há uma discordância entre Benno Rosenberg e eu sobre a qual conversamos muito. Para Benno, a destrutividade é a causa das doenças quando o masoquismo não cumpriu seu papel de intrincação, e, neste ponto, discordo de Benno, porque, para ele, a libido, mesmo em excesso, não pode causar a doença, sendo antes o que luta contra a doença, mas eu penso

⁴ Freud (1924/1996b, p. 178).

que a libido em excesso também pode ser muito perigosa porque é uma excitação descarregada diretamente no corpo em vez de ser metabolizada e de passar pela representação.

Quero encerrar dizendo algumas palavras sobre o masoquismo moral, masoquismo secundário, a respeito do qual falei pouco. Quando todo mundo fala em masoquismo é evidentemente dessa forma de masoquismo: a busca de sofrimento, a neurose de fracasso. É a figura visível e comportamental da culpa inconsciente. No masoquista moral, somente o sofrimento importa e passa a ser erotizado. Esse masoquismo moral é o resultado de um destino tortuoso do complexo de Édipo. A consciência moral provém do supereu, herdeiro do Édipo e de sua dessexualização. No masoquista moral, uma falha do recalque provoca uma culpa inconsciente e uma ressexualização da moral, determinando uma desorganização do supereu. Vitimização e sanção são buscadas por si mesmas e por gerarem excitação. O masoquismo moral foi tema de muitos artigos como, por exemplo, na Revista Francesa de Psicossomática, em que vemos, nos casos clínicos, tentativas de religação masoquista através de um masoquismo comportamental. E percebemos o quanto isso pode ajudar os pacientes a recuperarem um equilíbrio, porque se debatem com seu próprio masoquismo e tentam restabelecer algo do estágio inicial do masoquismo erógeno primário.

Muito obrigada por escutarem esta conferência, e estou pensando muito nesse público de Porto Alegre que sinto como tão amigo e próximo.

Referências

Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1996b). O problema econômico do masoquismo. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Tradução: Vanise Dresch

Marília Aisenstein
marilia.aisenstein@gmail.com